

# life&style

## família e relações



LUSA/STEPHANIE LECOQC

## Gastar dinheiro com mulheres? Dijsselbloem precisa de “um curso de cidadania”

22.03.2017 Aline Flor

A frase do presidente do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem, está no centro de uma polémica que agita opiniões tanto no campo económico como social.

Copos e mulheres. O exemplo a que o presidente do Eurogrupo, Jeroen Dijsselbloem, recorreu foi rapidamente interpretado como uma reprodução de estereótipos sobre os países mediterrânicos e Portugal não foi o único a ficar ofendido (<https://www.publico.pt/2017/03/21/politica/noticia/portugal-pede-afastamento-de-presidente-do-eurogrupo-jeroen-dijsselbloem-1766045>) com as palavras que o holandês preferiu a um jornal alemão (<https://www.publico.pt/2017/03/21/economia/noticia/dijsselbloem-acusa-paises-do-sul-de-gastarem-dinheiro-em-copos-e-mulheres-1765989>).

Mas o que querem dizer as palavras do holandês? Como se gasta dinheiro com mulheres? “Estas declarações estão na intersecção de várias formas de discriminação, do racismo ao sexismo”, responde Ana Sofia Fernandes, secretária-geral da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (PpDM).

“O entendimento que ele tem dos países do Sul é inacreditável”, diz por seu lado Elza Pais, deputada do PS e ex-presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, que considera “inadmissível que este tipo de atitudes sexistas em pessoas que têm responsabilidades a este nível”.

Ana Sofia Fernandes reconhece que tem “muita dificuldade em perceber a resposta” de Dijsselbloem, deixar subentendido que os europeus do Sul “gastam dinheiro em mulheres” - que se pressupõe ter sido uma referência à prostituição - é visto como “completamente incompreensível” e sublinha que “a Holanda é precisamente um dos países que tem um mercado de sexo legalizado, onde as mulheres são identificadas como objectos para o prazer dos homens”.

Também a deputada Elza Pais sublinha várias vezes, ao longo da conversa com o Life&Style, que as afirmações “são absurdas”, carregadas de “preconceitos e de estereótipos de género” e “não apenas sexistas mas também xenófobas”. “São observações que ninguém deve fazer, muito menos uma pessoa que está a desempenhar as funções do presidente do Eurogrupo”, acrescenta.

A solução para este tipo de situações? A deputada defende que “os preconceitos derrubam-se com esclarecimento, com educação”. “Provavelmente é o que este presidente do Eurogrupo precisa: um curso intensivo de educação e cidadania para não voltar a proferir em nenhuma circunstância da vida dele - e espero que não volte a estar à frente de um cargo com estas responsabilidades - este tipo de disparates”, declara categoricamente.

## Austeridade penaliza as mulheres

(<http://publico.pt/>)

POLÍTICA ([HTTP://WWW.PUBLICO.PT/POLITICA/](http://www.publico.pt/politica/)) SOCIEDADE ([HTTP://WWW.PUBLICO.PT/SOCIEDADE/](http://www.publico.pt/sociedade/)) MUNDO ([HTTP://WWW.PUBLICO.PT/MUNDO/](http://www.publico.pt/mundo/))

Patricia Sofia Fernandes, presidente da comissão técnica de um problema de fundo e não podem ser aceites”. A PpDM, que faz parte do Lobby Europeu das Mulheres (EWL, na sigla em inglês), está inserida num grupo de países que, dentro da organização feminista, representa a Europa do Sul. A secretária-geral da plataforma portuguesa aponta que no último encontro do EWL foi aprovada uma moção dirigida aos “problemas específicos que os países da Europa do Sul estão a viver”.

LIFE&STYLE ([HTTP://LIFESTYLE.PUBLICO.PT/](http://lifestyle.publico.pt/)) MAIS

“A questão das políticas de austeridade é terrível para os direitos das mulheres. É precisamente nos serviços públicos, onde assentam os cortes, que estão empregadas mais mulheres”, informa Ana Sofia Fernandes. Por outro lado, sublinha a activista da PpDM, as mulheres também são afectadas pela falta de “serviços como creches e serviços de apoio à terceira idade, dos quais estão muito dependentes para poder participar no mercado de trabalho”.

Não é a primeira vez que este tipo de estereótipos é reproduzido por governantes europeus. Em Fevereiro, a comissária europeia para a Igualdade de Género, Vera Jourová, afirmou que, enquanto “na Suécia o assédio é visto como perseguição, nos países do Sul é entendido como elogio”.

As palavras da comissária, durante a abertura da Conferência em Malta sobre as respostas europeias à violência de género, foram rebatidas no momento pela eurodeputada socialista Liliana Rodrigues, que afirmou serem “um sinal de que [a comissária] não conhece os países do Sul da Europa e que se precipita em julgamentos com base em estereótipos e preconceitos”.

Mais tarde, o gabinete da comissária checka afirmou que “infelizmente a violência contra as mulheres continua a ser uma realidade em todos os países europeus”. “Ao mesmo tempo, estudos mostram que as atitudes e percepções sobre a violência de género variam ligeiramente entre os países”, lê-se numa declaração enviada ao Observador.

A questão das diferentes percepções entre países é também sublinhada por Ana Sofia Fernandes. De acordo com as estatísticas da Agência Europeia para os Direitos Fundamentais, por exemplo, “na Suécia as situações de violência surgiam como muito mais altas do que noutros países”. O número, aparentemente contraditório, é justificado pela activista como sinal de uma maior consciência social, já que se trata um país onde “as mulheres reportam e não aceitam estas situações”. “Nos países onde não há uma consciência tão activa do problema, como em Portugal, há um menor reporte da situação”, conclui.

© 2017 PÚBLICO

Comunicação Social SA

Director: [David Dinis](#)

Directores-adjuntos : [Diogo Queiroz de Andrade](#), [Tiago Luz Pedro](#), [Vitor Costa](#)

Editora Life&Style: [Bárbara Wong](#) [lifestyle@publico.pt](mailto:lifestyle@publico.pt) [Publicidade Online](#) [Publicidade](#)